ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE GULPILHARES E VALADARES

Ata nº 4

Aos vinte e cinco de abril de dois mil e vinte e dois, pelas 10h00 reuniu a assembleia de freguesia de Gulpilhares Valadares na escola secundária de Valadares em sessão solene das comemorações do vinte e cinco de Abril. ----------

As comemorações do vinte cinco de abril tiveram o seguinte programa; ----------

Dia 24 - Noite Cultural no Auditório de Gulpilhares, onde participaram a convite da Assembleia de Freguesia, o Grupo de Cordas do Rancho Regional de Gulpilhares, o Coral do Orfeão de Valadares, o Coral de Gulpilhares e o Grupo Jovem de Camara Baixa do Fórum Cultural de Gulpilhares. ----------

Dia 25- Na Escola Secundária de Valadares, pelas 10h00 procedeu-se ao hastear das Bandeiras onde esteve presente a Fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Valadares que abrilhantaram este momento solene. De seguida os presentes entoaram a Portuguesa, deslocando-se no final para o auditório da escola. Aqui os alunos do 11º e 12º ano desta escola fizeram uma representação sobre o que foi a noite de 24 para 25 de abril de 1974 com alusões radiofónicas, cânticos e intervenções políticas, que marcaram a marcha dos capitães para a revolução e os tempos de hoje dos jovens da política. O espaço foi decorado com cartazes alusivos ao 25 de abril de 1974 até aos tempos de hoje. De seguida usou da palavra o Presidente da Assembleia pedindo à Professora Anabela Pereira Diretora desta Escola para usar da palavra. A Professora Anabela agradeceu à Assembleia de Freguesia por ter escolhido esta Escola para comemorar data tão importante da nossa Democracia. Usaram da palavra os representantes das forças políticas. ------

Srª Margarida Moreira BE Anexo nº 1 ----------

Srª Beatriz Russo CDU anexo nº 2 ----------

Srª Júlia Couto CDS anexo nº 3 ----------

Sr. Pedro Moreira PSD anexo nº 4 ----------

Srª Valentina Peres PS anexo nº 5 ----------

O Sr. Presidente da Junta, Sr. Alcino Lopes usou da palavra, enaltecendo as comemorações deste 25 de Abril, realçando a participação e intervenção dos jovens desta escola secundária. ----------

A finalizar interveio o Sr. Presidente da Assembleia de Freguesia, conforme anexo nº 6 encerrando a sessão com um agradecimento especial a todos pela presença e pelo empenho das forças políticas representadas nesta assembleia de freguesia, tendo terminado esta assembleia às 12h05m. ----------

O Presidente da Mesa da Assembleia

(Joaquim Rocha)

O 1º Secretário

(Luís Pina)

UNIÃO DE FREGUESIAS DE GULPILHARES/VALADARES

227622456/227110515 913500563 E-mail a.freguesia.gulpivalad@gmail.com

Anexo 1

É com todo o gosto que aqui estou convosco, mais uma vez, a celebrar o dia em que acabámos com o regime fascista e começámos a construir o regime democrático em que hoje vivemos. Sabemos bem que um novo regime não se constrói de um dia para o outro, não aparece pronto, todo muito completo e perfeito, por um passe de mágica. Mas o que eu gostava de salientar aqui hoje é que, simetricamente, um velho regime também não se destrói de um dia para o outro.

Isto apesar de o poder fascista se ter surpreendentemente desmoronado, sem resistência, em menos de 24 horas, ali, bem à frente dos nossos olhos, uns olhos molhados de espanto e alegria, ou porque estavam a ver as coisas a acontecer na rua, à sua frente, ou porque as viam naquelas horas e horas de transmissões ao vivo de uma televisão ainda jovem, que tinha vivido desde o seu nascimento agrilhoada ao peso da censura e que estava agora a experimentar, a tentar, a aprender a andar e a falar livre e

feliz. Sim, o regime – enquanto poder político e estatal – caiu totalmente naquele dia. Mas não a infecção que aquela doença maligna tão prolongada deixou no nosso corpo social e nas nossas mentes. Ainda hoje, 48 anos passados, há muitos hábitos, muitos preconceitos, muito lixo ideológico que não conseguimos varrer. Ainda hoje há quem se refira ao regime deposto como Ditadura (que era como o regime se auto-definia até 1933), ou como Estado Novo (que era como o regime se auto-definia a seguir), mas não consiga chamar àquela gente "fascista" e ao seu regime "regime fascista", que era exactamente o que eles eram, como mostraram os investigadores de história e de ciência política.

Na altura era palavra proibida, podia dar cadeia chamar-lhes fascistas. Mas agora, porquê evitá-la? Por terem incorporado um reflexo pavloviano de medo e temerem que os mortos vivos se levantem da tumba para os virem punir? Ou porque na sua mente ficou para sempre a ideia de que *"o respeitinho é muito lindo"*, o respeitinho pelos chefes, pela autoridade,

por mais ilegítima e abominável que seja, e não conseguem mesmo dar esse passo e chamar fascistas aos fascistas que nos governaram durante tantas décadas, antes e depois da Constituição de 1933.

E, já agora, noto que o regime fascista, iniciado com a chamada Revolução Nacional de 1926, demorou 7 anos a dotar-se de uma Constituição, ao passo que o regime democrático, iniciado com a Revolução de Abril de 1974, em apenas dois anos, tinha a sua Constituição aprovada.

Neste aspecto, seguimos o exemplo magnífico dos nossos antepassados que fizeram a primeira Constituição do país, que me parece importante lembrar hoje porque em 2022 estamos precisamente a comemorar dois séculos de história constitucional em Portugal. Após a vitória da Revolução Liberal de 1820, foi em 2 anos (como nós) que se aprovou a Constituição de 1822, também ela um exemplo de uma Constituição altamente progressista e avançada para a sua época, como viria a ser, no seu tempo, a de 1976.

E é precisamente com a nossa Constituição que eu queria terminar, uma Constituição que continua a ser um excelente guia político para quem ama a democracia e os seus princípios fundamentais.

Neste tempo conturbado de guerra, em que muitas velhas e novas paixões e ódios estão a turvar o ambiente e a perturbar assustadoramente os discursos políticos e a solidez dos argumentos, atermo-nos aos princípios pode ser uma boa âncora para não nos deixarmos levar pela torrente da irracionalidade que sempre caracteriza estes períodos de agitação. E que princípios estabelece a nossa Constituição? Passo a ler dois artigos, para que não restem quaisquer dúvidas:

"Portugal reconhece o direito dos povos à autodeterminação e independência e ao desenvolvimento, bem como o direito à insurreição contra todas as formas de opressão."

"Todos têm o direito de resistir a qualquer ordem que ofenda os seus direitos, liberdades e garantias e de repelir pela força

qualquer agressão, quando não seja possível recorrer à autoridade pública." (fim de citação)

Isto é uma Constituição política a sério, uma visão progressista, sem medos nem tibiezas. Isto não tem nada a ver com aqueles discursos genéricos e maviosos que os guionistas dos concursos de misses costumam escrever para as vencedoras, que dariam alegremente todos os seus vestidos e joias para acabar com a fome das crianças e que, nos seus lençóis de cetim, têm todas as noites um sonho íntimo e recorrente: a paz no mundo, conseguida não com armas e lutas, mas pelo embalar das almas naquela doçura que só a música de um concerto celestial pode trazer.

Nós somos políticos. Vivemos e lutamos no mundo real. Não estamos num concurso de misses.

Obrigada pela vossa atenção.

A representante Bloco Esquerda
Margarida Julia Roes Klein

Anexo 2

Cumprimento todos os presentes, desejando-vos um ótimo dia.

É especialmente gratificante para mim comemorar o 25 de Abril, logo pela manhã, nesta escola.

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo
Sophia de Mello Breyner Andresen, in 'O Nome das Coisas'

E é especialmente gratificante para mim estar aqui hoje, em 1º lugar, porque considero, verdadeiramente, que em cada aluno, uma possibilidade de revolução – **porque a palavra é uma arma** – em cada professor, em cada funcionário escolar, a possibilidade de canalizar essa mudança social.

Em 2º lugar, porque há uns anos era eu aqui aluna, onde pude ir além de ser aluna, na sala de aula, mas também começar a ser cidadã ativa. Alguns momentos que mais estimo são aqueles em que estive na biblioteca como monitora na Sala de Estudo, e como locutora na rádio da escola (na altura eu e um grupo de amigos decidimos reavivar a rádio escolar). A rádio, como sabem, tem um papel interessantíssimo no 25 de Abril: **no dia 24, às 22h55, o locutor de uma rádio lisboeta lançou a música "E depois do adeus" de Paulo Carvalho. As tropas podiam avançar. À 00:20, a segunda senha: "Grândola Vila Morena" de Zeca Afonso, informava todos os militares que aderiram ao golpe que estava tudo a correr como previsto. E com estes sinais, o MFA não podia, nem voltou atrás**.

Este ano 2022, foi simbolicamente marcado, pelo Governo, forças políticas e comunicação social, que passamos oficialmente mais tempo em democracia, portanto desde 25 de Abril de 1974 do que aquele passamos em ditadura.

Nós comemoramos, porque não esquecemos o que foi o fascismo, e que foi o fascismo – em Portugal branqueado com o nome de "Estado Novo" ou "Antigo Regime" – que negou as liberdades políticas e individuais; que significou prisão, tortura e morte a opositores do regime. O Partido Comunista Português representou a principal estrutura organizada

de oposição à ditadura; como sempre, sofreram mais os mais pobres, os desviantes das normas sociais e morais da altura como os homossexuais e as mulheres, quer estes fossem comunistas ou não.

Este regime repressivo significou para a população geral, analfabetismo, falta de cuidados de saúde, o colonialismo e por isso, o racismo, a discriminação legal das mulheres, a corrupção, a guerra.

Há quem lembre as crianças descalças, a emigração forçada (atravessavam fronteiras a pé), mas infelizmente, ainda há quem diga "antigamente é que era bom".

Costuma-se dizer que colhemos o que semeamos. Mas há sementes que não crescem tão rápido, e quem colhe nem sempre é quem planta. Os jovens sabem isto; hoje vêem-se encurralados: preocupados com uma crise ambiental que não é sua, presos financeiramente com rendas cada vez mais altas, mais despesas, condições de trabalho mais precárias. Condições não permitem independência. A família, tão defendida pelos mais conservadores, mas que depois não assumem que uma das principais medidas positivas para a natalidade, para a emancipação das mulheres e dos jovens **é a subida de salários!**

Estas condições NÃO permitem viver em liberdade!

Não desanimem, porque da tristeza tiramos razão e motivação!

Não deixemos cair, avancemos com o que Abril plantou para nós!

Felizmente, houve e há resistência a qualquer tentativa de retorno ou a qualquer medida não democrática. Há resistência, dos comunistas, de outros democratas, dos trabalhadores, e dos estudantes.

E como li algures, é demasiado tarde para ser pessimista, e lutaremos sempre com a mesma alegria de viver.

Por uma terra sem amos, rumo à felicidade, VIVA O 25 DE ABRIL!

Anexo 3

CDS-PP

INTERVENÇÃO NA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA DE FREGUESIA – COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 1974:

EXMO. SR. PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

EXMO. SR. PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA

EXMOS. REPRESENTANTES DAS INSTITUIÇÕES QUE AQUI SE ENCONTRAM

EXMAS. SENHORAS E EXMOS. SENHORES

Estamos hoje aqui reunidos para comemorar o 48.º aniversário daquela que foi denominada por "Revolução dos Cravos".

Não irei dissertar sobre as condições históricas que conduziram a que acontecesse o golpe de estado que se transformou numa revolução neste mesmo dia há 48 anos. Sobre essas há pessoas mais avalizadas para o fazer porque o viveram na primeira pessoa seja do lado dos militares seja do lado que defendia o antigo regime.

Nesse dia foi intenção dos Capitães de Abril termos um país democrático, com eleições e liberdades de toda a ordem.

De ressalvar que nesse dia ninguém morreu nem foi ferido tendo sido uma revolução pacífica como nunca existiu na história.

Com o 25 de abril de 1974 surgiram os mais variados partidos políticos, deixou de existir polícia política e passou a haver liberdade de opinião, um salário mínimo nacional, a Imprensa passou a ser livre, entre outras conquistas que se obtiveram. Havia um ambiente de enorme esperança que o nosso país cresceria e se tornaria próspero.

No entanto, quer a liberdade quer a democracia são e serão sempre obras inacabadas que podem e devem ser melhoradas, cabendo essas melhorias a cada um de nós enquanto cidadãos deste belo jardim à beira-mar plantado.

Citando o Sr. Presidente da República, Prof. Marcelo Rebelo de Sousa, "defender a democracia é ter consciência de que é de todos, ou seja, não há donos da democracia".

Mas, celebrar esta data é também olhar com sentido crítico para a mesma e apontar as suas fragilidades.

Fragilidades essas que são cada vez mais patentes e que nos entram em casa todos os dias através das notícias.

Desde logo, a democracia que nos trouxe o 25 de abril de 1974 tem vindo a perder o seu significado. E isso é patente no aumento da taxa de abstenção em todas as eleições. Temos todos a responsabilidade social de incentivar a população, nomeadamente os mais jovens, a exercer o seu direito de voto pois este é a melhor forma de dar continuidade a uma das mais importantes conquistas da "Revolução dos Cravos". Votar é a forma que temos de demonstrar o que queremos para o nosso país e assim assegurar que Portugal será um país mais justo, mais desenvolvido e mais forte na defesa das democracias.

Por outro lado, temos de nos perguntar se a liberdade, nas suas várias facetas, que o 25 de abril de 1974 nos ofereceu é a liberdade que hoje temos e se é esta mesma liberdade que queremos para o futuro.

Com o 25 de abril de 1974 passamos a ter liberdade de expressão, de opinião, de exercício de qualquer profissão (exceto algumas atividades consideradas criminais), entre outras. Mas, com o passar dos anos, fomo-nos esquecendo que a nossa liberdade tem limites e que termina quando começa a do outro.

Isto para perguntar, mas afinal o que é que temos atualmente, volvidos 48 anos da "Revolução dos Cravos"? Temos liberdade? Sim temos. Mas temos igualmente cidadãos que não respeitam as autoridades policiais – como foi o caso recente do Agente Fábio Guerra –, que não respeitam os professores, que não respeitam os profissionais de saúde, que não respeitam o próprio vizinho do lado. Temos cidadãos que desconhecem o significado da palavra "empatia". Temos cidadãos que cada vez menos aceitam que outros cidadãos tenham opiniões diversas e, por via dessa falta de aceitação, recorrem à violência verbal e, infelizmente, vezes de mais à violência física. Temos, na generalidade, a aproximação do fim do sentido de comunidade onde cada um de nós se preocupa em saber se as pessoas que nos rodeiam estão bem ou a necessitar de alguma coisa, nem que seja um mero sorriso e um cumprimento.

Pergunto se é esta a sociedade que queremos? Eu, de minha parte, respondo negativamente a esta pergunta.

Compete a cada um de nós contribuir para uma sociedade mais solidária, mais coesa, mais humana, mais empática.

Quantas Anas, Fábios, Josés, Marias, Pedros, Susanas, etecetera, terão de sofrer ou perecer às mãos de pessoas que não respeitam a vida humana, até conseguirmos ter uma sociedade que nos dê esperança num futuro mais próspero, solidário e humano?

Caros concidadãos, deixo este repto a todos. Vamos respeitar todo e qualquer cidadão pois enquanto uns estão ao serviço da comunidade quando estão no exercício das suas profissões, outros podem estar com problemas que nem imaginamos. Vamos ajudar-nos mutuamente.

Com uma sociedade mais empática baseada no respeito pelo outro, o valor liberdade ganhará uma dimensão inimaginável e aí sim, conseguiremos realizar os grandes objetivos do 25 de abril de 1974.

Termino com palavras de José Jorge Letria sobre o dia 25 de abril (*in* O Livro dos Dias) e que diz o seguinte:

"Este dia é um canteiro

Com flores todo o ano

E veleiros lá ao largo

Navegando a todo o pano.

E assim se lembra outro dia febril

Que em tempos mudou a história

Numa madrugada de Abril,

Quando os meninos de hoje

Ainda não tinham nascido

E a nossa liberdade

Era um fruto prometido,

Tantas vezes proibido,

Que tinha o sabor secreto

Da esperança e do afeto

E dos amigos todos juntos

Debaixo do mesmo teto."

VIVA PORTUGAL!

25 de abril 2022

Júlia Cristina Guerra de Carvalho do Couto

GAIA PSD PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA

GRUPO DA ASSEMBLEIA DE FREGUESIA
GULPILHARES E VALADARES

Discurso sessão solene 25 de Abril de 2022 (48º aniversário)

Estamos todos cansados.

Cansados de andar de máscara e cansados das máscaras que não caem.
Cansados dos políticos que estão sempre mais preocupados em falar de si próprios e entre si próprios do que das nossas terras, da maneira como podemos chegar aos empregos sem que nos doa tanto, da certeza da comida em cima da mesa, da certeza de termos saúde ou colo, se não a tivermos.

Liberdade é ser bem tratado em todo o lado, não importa o tamanho do carro ou da casa.
Liberdade é ser tratado com vénia e deferência porque cada um de nós é o mais alto dignitário do seu próprio espaço, da sua família, dos seus amigos, e merece respeito porque não há nada mais importante na vida do que segurar uma casa e uma comunidade, do que debater e discutir todos os dias para que os nossos acordem felizes, capazes, com coragem de enfrentar a chuva, o frio, o sol e, principalmente, a tristeza.

Liberdade é estar triste e ter quem cuide de nós, quem nos pergunte como estamos e espere pacientemente pela resposta, quem nos ajude a adiar a morte nem que seja mais um dia, quem nos pegue nos sacos reais ou imaginários, porque há pesos visíveis e invisíveis difíceis de suportar.

Liberdade não é ser desprezado por uma ideia ou por uma cor.
Liberdade é ter o direito a ser a ovelha tresmalhada.
Liberdade não é morrer sozinho com dores numa enfermaria de hospital.
Liberdade não é perder o emprego por razões de conjuntura ou pelo preço das matérias primas ou porque o mundo não se entende sobre as prioridades: apesar da guerra na Europa, no mundo ainda morre uma criança com menos de quinze anos a cada cinco segundos. Morreu uma agora. Não são só pessoas, são crianças, o futuro de todos. Morreu outra.
E outra.
Morrerão pelo menos mil e oitocentas crianças com menos de quinze anos durante o tempo desta sessão. Não é demagogia. São factos. Não podemos fazer por todos, façamos pelos que estão à nossa porta. Todos. Não só os políticos. Todos. Nem que seja ouvindo. Mas ouvindo mesmo. Não basta perguntar. Temos de nos importar.

Temos hoje uma informação monolítica que não se cala com o que lhe dá audiências e repete à exaustão o mesmo assunto: compete-nos a lucidez de lembrar que, apesar da pandemia e da guerra na europa, há uma miséria real e intelectual que não mudou.

A questão palestina não acabou, mas parece. O COVID não acabou, e parece. A crise dos refugiados e as mortes no Mediterrâneo não acabaram, e parece. As guerras sangrentas em África não acabaram, e parece. Basta que a informação se cale e todos se calam. Será a solidariedade uma moda pop e só para os que são muito falados nas televisões?

Porque assim não vai ficar tudo bem, não. Compete-nos a todos ir além do fado, do futebol e de Fátima. Liberdade também é dar voz aos outros assuntos.
Liberdade é ter essa voz para lutar pela nossa terra e pela nossa dignidade com trabalho e civismo.
Liberdade não é passar por herói com demagogia e populismo só porque somos contra tudo e todos ou queremos punir alguém ou ter, nós próprios, protagonismo.

Liberdade é incluir quem merece. Liberdade não é fazer grupos e grupelhos só para excluir quem merece ou tem direitos. Liberdade é poder ensinar ou ser ensinado. Liberdade não é desrespeitar o professor ou o colega mais fraco.
Liberdade é poder fazer desporto e ter os nossos filhos a praticar desporto.
Liberdade não é estar na bancada a insultar crianças que são adversários dos nossos filhos. Liberdade não é querer mandar nos treinadores só porque não nos fazem as vontades. Liberdade é estar num estádio ou num pavilhão a declarar amor ao nosso clube ou aos nossos ídolos, mesmo que se diga uma asneirita ou outra.
Liberdade não é ofender ou agredir o nosso adversário, nem sequer justificando que um dia ele também nos ofendeu ou agrediu. Liberdade é dar a outra face. Mas liberdade não é bater. Liberdade é poder lutar e responder quando se é agredido pelo mais forte.
Liberdade não é agredir o mais fraco. Liberdade é poder chegar perto do poder sem ter amigos. Liberdade não é trepar pelas costas do nosso próximo só porque podemos.

E ainda que liberdade também seja fazer barulho e ser inconveniente, liberdade não é querer ser mais bem tratado, mais bem ouvido, mais privilegiado do que os outros que estão no mesmo espaço e têm o mesmo direito.

Deixem-me humildemente falar um minuto da minha experiência: É uma honra estar aqui em nome pessoal e a pedido do partido que apoiou a minha candidatura. Mas não se enganem os partidos que insistem no cliché de que não há democracia sem partidos. Na verdade, há democracia quando há pessoas a bater-se pelos seus iguais sem que outros os tentem esmagar em nome do mero poder. Eu vim para o campo político porque queria ser o homem banal que nunca esteve na política nem tinha um único amigo nela e conhecer o meu próximo e saber se era verdade o que se dizia nos cafés e nas bancadas dos jogos. Que os políticos e os partidos são todos a mesma coisa e que são todos uma cambada de vigaristas. E pude comprovar que isso não é verdade. Aliás, tenho dito a quem quer ouvir: de todas as minhas actividades ou ocupações, Advocacia, Literatura, Desporto e Política, foi na política e nos partidos que vim encontrar as pessoas mais altruístas e abnegadas, que abdicam do seu conforto, da sua família e do seu tempo em nome de um projecto colectivo. Mas também foi nos partidos que eu encontrei a dormência de se cair no erro de pensar que a política é uma coisa em si e não uma actividade nobre que se desempenha porque se está ao serviço do nosso concidadão e da nossa terra, às vezes até das terras dos outros, como se tem visto, e não de nós próprios.

Fora os poderes executivos, que têm mesmo de executar e de se preocupar com a vida, o mundo, as pessoas, há seis meses que em todos os partidos, invariavelmente, só se fala ou de eleições ou de disputas de liderança ou de actos administrativos como agregações ou desagregações ou de panelas e cozeduras e respectivos tamanhos e temperaturas, que é para não dizer outra coisa. Mas há tantas coisas bonitas que podemos fazer pela nossa terra, sendo nós próprios práticos e empreendedores ou ajudando quem é ou pondo ao dispôr de quem faz e executa quem pode e quem apoia e nenhuma delas é isto que a política tem feito. E ouvir os mais novos, calarmo-nos para eles falarem.

E eu queria falar-vos de outra coisa. Queria falar-vos da beleza que foi estar, pela primeira vez, como eleito num órgão parlamentar, como estive em Dezembro na primeira Assembleia de Freguesia Ordinária e depois integrado no grupo que preparou esta sessão solene de comemoração do dia em que falamos da liberdade que é e da que não é.

O que eu confirmei foi o mesmo que pressenti durante toda a campanha, e quando falo de campanha falo de seis meses de trabalho para montar um projecto:
Confirmei que todos queremos o mesmo para as nossas terras e para as nossas populações.

Que todos queremos saber se vamos ter mais e melhores transportes, mais e melhores serviços, mais e melhores empregos, mais e melhor conforto, mais jardins, mais passeios, melhores ruas e melhor circulação, melhor funcionamento dos teatros, das escolas, dos centros de saúde, mais tempo e espaço para sermos felizes. Todos. Todos e de todos os partidos sem excepção e todos sem partido. E comecei a pensar que não devemos ter paciência para os pequenos tiques e pequenas manias seja de quem for, mas devemos ter todo o tempo do mundo para o homem ou mulher que se aproxime de nós olhos nos olhos e quer que lhe demos as mãos. Não só uma mão. As duas mãos. E não, isto não é conversa de político. Não vamos bater no peito e dizer que o temos feito, que temos voltado às ruas e às lojas e falado com tanta gente com quem falámos durante a campanha só para lhes dizer: "Estão a ver como voltamos?"

Pois liberdade é isso: seja o Presidente da Junta ou o homem que, a dois dias das eleições, me perguntou se eu não lhe podia arranjar um casa para não passar o inverno com frio debaixo de chapas, se nos dirigirmos uns aos outros com respeito e veneração, humildade, amor, se apertarmos verdadeiramente as mãos uns dos outros, sejam grandes ou pequenas, suadas ou secas, quentes ou frias, e nos olharmos nos olhos, não para exigir nada, mas para sermos inteiros lado a lado como homens e mulheres, vamos sempre saber o nosso lugar e o que podemos fazer pelo outro, o bocadinho de que podemos abdicar para ceder ao que pode menos do que nós. E cuidado: isto não quer dizer que o mais rico e confortável não precise da ajuda do mais pobre e remediado. Pode acontecer que o mais rico tenha, além de dinheiro, solidão a mais e seja infeliz e ao pobre não falte calor e felicidade. Só dinheiro. Mas pode um não saber escrever ou não saber escrever tão bem e o outro sim, pode um não ter o mais simples para fazer o mais simples e outro ter um bocadinho mais e ajudarem-se um ao outro e se nos ajudarmos uns aos outros seremos todos mais livres.

Pois cultura é liberdade.
E como são belos os que a trazem para nós, para que a vida não seja só trabalho, ruído e tristeza.

Pois poesia é liberdade.
Pois este poeta não ganhou a junta, ganhou em equipa as terras e as pessoas, ganhou em equipa novos amigos e o respeito dos seus concidadãos, aprendeu e cresceu muito e tem muita honra, tem mesmo vaidade, de liderar em equipa a oposição local. Uma boa vaidade, aquela de que falei ao início, a vaidade de poder fazer parte, como eleito vosso representante, da construção de um futuro melhor.

A oposição é uma luta permanente, mas faz-se lado a lado, por incrível que pareça. Eu posso ter uma ideia diferente da tua, mas se a intenção de ambos for a melhor, eu não te vou atacar a ti ou ao teu partido em vez de tentar chegar a um consenso ao teu lado ou com um café ou uma cerveja pelo meio.
Porque enquanto eu te atacar a ti e ao teu partido vou perder o tempo que teríamos a partilhar esse café e essa cerveja e a congregar estas ideias diferentes para um futuro melhor para todos.

A política elevada é a corporização da liberdade, a política elevada é como o desportivismo: devemos perder mais tempo a lutar para que o nosso adversário não seja agredido pelos nossos apoiantes do que a tentar gritar a nossa superioridade perante ele. Não se avança sem pelo menos dois adversários fortes para disputarem os grandes jogos. E o jogo é tanto melhor quanto melhor for o adversário. Não há bons jogos com adversários fracos. É por isso que os grandes desportistas, quando as coisas estão correr bem demais, abrandam para não humilhar o adversário. E, fatalmente, grandes adversários não se vencem por reserva mental. Estimam-se e acabam amigos. Na política também é assim. Porque sermos todos de um só clube chama-se ditadura. Não liberdade.

Estarei cá os quatro anos e nem mais um. Depois voltarei ao perfeito anonimato fazendo o que sempre fiz: ajudando todos sem ser nomeado e sem representar nada nem ninguém que não a minha irrelevância de mortal que à terra será devolvido.

Este início de mandato tem sido promissor quanto ao respeito e estima que cresce entre os membros desta assembleia. Durante estes quatro anos, o colectivo que represento - e eu gostava que esse colectivo, mais do que um só partido, fosse toda uma assembleia que até se possa tornar um exemplo nacional e que lutará pela liberdade de todos em cada esquina, lutará pela distinção e superioridade dos mais simples e dos mais pobres, se essa simplicidade e essa pobreza corresponderem também aos mais leais e honestos e, se entre os que têm mais conforto, mais forem em busca de conforto para quem não tem.

Pois quem cultiva a bondade, a honestidade, a simplicidade, a família e o amor é livre.

E os que são verdadeiramente livres contaminarão todos os outros dessa liberdade.

E pela liberdade é preciso lutar dia a dia, centímetro a centímetro.

E subitamente estes são os tempos em que isso é tão claro que não é preciso dizer mais nada.

Obrigado a esta escola da minha terra, que tem a biblioteca mais bonita e que eu um dia gostava de ver aberta à comunidade que não tem nenhuma, aos professores e aos corajosos jovens homens e mulheres que nos acolheram, obrigado aos companheiros de assembleia, aos que a presidem e secretariam, aos que nos partidos se esforçam por mudar e evoluir e obrigado pelo apoio que dão a quem é mesmo livre, obrigado ao executivo e ao esforço por servir os valadarenses e gulpilharenses, por quem estarei até à morte, porque não encaro esta honra de ânimo leve, como nenhum de nós encara, mas obrigado essencialmente aos homens e mulheres destas terras, seja de que idade forem, obrigado ao meu próximo que acredita e que se esforça por ajudar os seus e por nos ajudar a nós a ajudar todos.

Obrigado, até para o ano, e viva a liberdade.

Anexo 5

DISCURSO COMEMORATIVO - 25 de abril de 2022

Senhor Presidente da Assembleia de Freguesia e distinta mesa

Senhor Presidente da União de Freguesias e seu Executivo

Senhoras e Senhores Deputados da Assembleia de Freguesia

Senhoras e Senhores Convidados

Fregueses

Jovens

Começo por citar a grande poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen que perpetuou no tempo as palavras, "Esta é a madrugada que eu esperava, O dia inicial inteiro e limpo, Onde emergimos da noite e do silêncio, E livres habitamos a substância do tempo.".

Comemoramos hoje o 48º Aniversário do 25 de abril, a Revolução dos Cravos, o Dia da Liberdade.

Às primeiras horas da manhã de 25 de abril de 1974, vários militares ocuparam locais estratégicos na capital portuguesa com o simples objectivo de derrubar o regime. Ao sinal de código de uma canção tudo muda. Uma ação liderada por um movimento militar das forças armadas, capitães sem medo e decididos a repor a liberdade ao povo português.

Um acontecimento que marcou a vida e memória dos portugueses e ficará para sempre marcado na História de Portugal.

Democratizar, descolonizar e desenvolver foi o lema que fez regressar Portugal às nações livres e amantes da paz.

Marca a forte viragem na vida de um país que deixa 48 anos ininterruptos de política ditatorial, de regime autoritário, autocrata e corporativista, abrindo portas à democracia, à ascenção social, à igualdade de oportunidades, à educação, à saúde, à justiça social, à liberdade de expressão. As oportunidades vedadas à população surgem...

Hoje, poder estar neste local, nesta Escola Pública, a falar livremente, sem opressão, sem uma escola dividida (só para rapazes e só para raparigas), de uniforme vestido e com imagens em cada sala como se nos sentissemos observados, significa que o 25 de abril tem muito significado e continua vivo. Eu passei por essa mudança. Dizem que esta data só tem significado para quem a viveu. Não. Mesmo os mais jovens têm dentro deles a força de quem lutou, trazem abril, quando lutam pelos seus direitos, pelas igualdades, pela justiça, pelos poderes conquistados com a liberdade e se revoltam com as injustiças e mostram o seu desagrado.

Porém, não nos podemos esquecer, liberdade significa responsabilidade. Numa Democracia plena deve existir liberdade de expressão, liberdade que nos concede o direito de dizer aos outros o que eles não querem ouvir, deve estar consagrada a liberdade que

exigimos para os que pensam como nós, mas que exigimos igualmente para aqueles que discordam dos nossos pontos de vista e das nossas causas.

Voltemos à responsabilidade, necessária para o exercicio legitimo da liberdade, em que cada um de nós assume a responsabilidade daquilo que faz e diz em nome da liberdade devendo respeitar o próximo da mesma maneira que exigimos respeito por nós próprios.

Os portugueses souberam conquistar o 25 de abril de 1974. Após anos de luta e sonho, de resistencia e fé, de lágrimas e esperança, os Capitães de Abril, instrumentos últimos de um ideal, desferiram a estocada final num regime opressivo que mantinha os portugueses amordaçados, numa guerra injusta, inútil e distante da Europa e do Mundo. A Guerra Colonial iniciada em 1961, nas províncias ultramarinas, que opunha o exercito portugues aos guerrilheiros que lutavam pela independencia dos territorios africanos e que os nossos antepassados, os jovens da altura, agora os nossos pais, avós, visavós, que tiveram de viver, de dar a vida, disparando em todas as direções, até nas suas próprias almas. Foram 13 anos de guerra.

Aos jovens aqui presentes, que tiveram o privilégio de nascer em liberdade e viver no seio dela, sejam depositários desta herança, defendam o papel da liberdade até às últimas consequências e contribuam diáriamente para o seu aperfeiçoamento.

Que em cada um de nós seja relembrado um estúdio de rádio, um "E depois do adeus", um desejo de liberdade, de democracia, de a plena voz poder ser escutada uma "Grândola Vila Morena", que as colunas de tanques, os militares, as espingardas sejam sempre alegradas por uma simples vendedora de flores que deposita nelas uma flor e em cada peito um cravo. Um cravo vermelho de sangue que corre nas veias de cada um, quando a plenos pulmões diz:

Viva a Liberdade! Viva o 25 de Abril!

25.04.2022

Anexo 6

Exm. Sras e Senhores Membros da Assembleia de Freguesia

Exmº sr. Presidente da Junta de Freguesia e membros do Executivo

Exmª Sra. Diretora da Escola Secundária Dr. Joaquim Ferreira Alves Prof. Anabela

Sr. Comandante dos B. V. Valadares

Às Instituições aqui presentes de Gulpilhares e Valadares — Rancho - Bombeiros - Gulp. F.C. - Teagus.

As Associações Pais desta Escola

Aos Alunos desta Escola Secundária ~~aqui representados~~

Srª Jornalística do Audiência

Minhas senhoras e meus senhores

Lembrar a Meiânia

Hoje vou dedicar as minhas primeiras palavras à Escola, a esta Escola que nos recebe.

Não à Escola edifício, em melhores ou piores condições, e, neste caso melhores, mas sim a todos aqueles que usam e fazem deste espaço a sua aprendizagem e sua casa de estudo.

A Escola não pode deixar de contar com os srs. Professores e com os funcionários não docentes, com os Pais e Mães dos estudantes e demais família, bem como a sociedade no seu global.

Quero agradecer por isso, à Srª Diretora Professora Anabela ~~e~~ seus colegas e demais funcionários, pela disponibilidade com que acolheu o meu pedido (em nome da A: Freguesia) para comemorarmos o 25 de Abril nesta Escola, com o sentido de os Autarcas eleitos virem ao encontro dos jovens estudantes, mostrando como a Democracia precisa do seu envolvimento na vida política.

A política precisa de sangue novo, de jovens empenhados em dignificar a Democracia.

Os jovens devem de exercer o dever de cidadania, não só através do voto, mas da participação cívica, sempre com a finalidade de servir as pessoas, independentemente da sua filiação partidária.

Os jovens precisam de saber quais os valores da Democracia. Os jovens precisam de saber as principais funções da Democracia que são a proteção dos direitos fundamentais, como a liberdade de expressão, de religião, a proteção legal e as oportunidades de participação na vida política, e económica, cultural e ambiental na sociedade.

Precisamos de continuar a comemorar ABRIL.

Lembrar aos jovens, que os Capitães de Abril, abriram as portas e janelas da Democracia, possibilitando que grandes Democratas, como: Dr. Mário Soares--- Dr. Francisco Sá Carneiro— Dr.´´Alvaro Cunhal--- Dr. Freitas Amaral, e muitos outros, tornassem o nosso Portugal tristemente SÓ antes de Abril, num País Europeu com a adesão à União Europeia e as portas abertas ao Mundo.

É preciso transmitir às novas gerações essa mensagem de Esperança e de confiança no futuro, na certeza que com a presença dos jovens, ABRIL nunca acaba, porque os jovens não permitirão nunca ser amordaçados ou silenciados.

Com a força da juventude dos nossos dias, ninguém mais fechará as portas da Liberdade.

Minhas Sras e meus senhores.

Comemorar o 25 de Abril de 1974 é também por um lado, saudar e homenagear esse destemido grupo de Capitães que, com toda a bravura e convicção, enfrentou e destronou o regime instalado em Portugal, e por outro lado, lembrar que todos os dias desde então, àqueles muito devemos pelo Estado de direito em que hoje se fundam o nosso País e suas instituições.

O 25 de Abril veio pôr fim a uma politica económica muito frágil com enorme dependência externa, e um poder político contestado por uma população amordaçada e com más condições de vida.

Mas a luta pela Liberdade , a luta contra as desigualdades sociais e o trabalho pelo bem-estar geral da comunidade não se esgotaram naquele dia Memorável. FOI SÓ O INÍCIO.

Urge por isso, afirmar cada vez mais a mudança operada com o 25 de Abril e, que os Capitães vieram trazer ao nosso País, por forma a que cada um de nós seja também um herói no caminho que vai sendo construído.

Ao comemorarmos o 48º aniversário do 25 de Abril, devemos lembrar que ainda se verifica desigualdades sociais e, ainda uma concentração dos poderes financeiros em alguns grupos económicos, pondo em causa os princípios do 25 de Abril.

Comemorar o 25 de Abril, também é recordar os tempos da resistência antifascista,as lutas e a coragem de muitos portugueses, que pagaram com a prisão, a tortura, a perseguição e a própria vida.

Comemorar o 25 de Abril, é também comemorar o Poder Local, cujas realizações são expressão assinalável do desenvolvimento sócio-economico do País no campo das infraestruturas, dos equipamentos, da dinâmica económica e de avanços nas áreas da Educação, Cultura, Desporto, Habitação, Saúde e Ação Social.

Minhas senhoras e meus senhores.

Nos últimos anos, devido a restrições orçamentais, das crises económicas e políticas, o Poder Local tem sido mal tratado, pois tem sido pressionado para receber e aceitar mais competências, chamada descentralização, sem as devidas contrapartidas humanas e financeiras.

Atribuir competências às Autarquias Locais, sem o acompanhamento dos meios financeiros equivalentes, são novos encargos para as Autarquias, já de si frágeis o que leva a cada vez mais estarem dependentes do poder Municipal.

A descentralização de competências entre os vários níveis da administração, deve ser dado com a criação das Regiões Administrativas e a reposição das freguesias da malfadada LEI RELVAS.

Com a reposição das freguesias, Abril continua bem vivo, pois o Poder Local (Junta de Freguesia) é aquela que mais próximo está das pessoas e melhor o pode servir, prestando o apoio que as pessoas necessitam.

Nós autarcas eleitos, devemos estar atentos e conscientes que o nosso exercício, nas funções autárquicas é mais um exercício de um trabalho da comunidade para a comunidade, que se manifesta diariamente na satisfação das necessidades reais da população.

Comemorar o 25 de Abril, é também reconhecer hoje que o nosso País seria bem diferente, para pior, sem o contributo das autarquias locais, para a concretização de Abril e da Democracia, a elas se devendo também muito do desenvolvimento Local.

Nestes 48 anos de Abril, as Autarquias Locais, Municipios e Freguesias, tiveram um papel determinante para o progresso e desenvolvimento dos seus territórios, para o bem estar e segurança dos cidadãos e para a defesa e promoção da coesão e inclusão social, e o apoio social à proteção dos mais desfavorecidos.

As Autarquias Locais são efetivamente a presença e a realização do Estado que mais próxima está dos cidadãos, sendo por isso legítimo que seja destas que os cidadãos mais exigem e esperam na defesa dos seus interesses.

Por isso mesmo e para dar resposta a esses anseios, as Autarquias Locais sofreram ao longo dos anos alterações profundas e, sobretudo foram assumindo cada vez maiores responsabilidades, substituindo a Administração Central em matérias que eram do domínio daquela.

A saúde, Educação, Cultura, Infraestruturas, Ambiente, Ação Social e tantas outras áreas que passaram nestes últimos anos a estar no domínio dos Municípios ou das Freguesias, e nem sempre com a garantia dos meios financeiros e humanos, tendo por isso de fazer umja gestão mais rigorosa e criteriosa, para não prejudicar os seus fregueses.

Comemorar o 48º aniversário do 25 de Abril, é também lembrarmo-nos da Pandemia. A crise pandémica veio impor uma mudança radical nas nossas vidas. Uma crise transversal a todo o planeta, e que se traduziu em nova adversidade na nossa democracia, com a qual ninguém contava.

Esta crise implicou a restrição de alguns direitos consagrados na Constituição, em benefício do bem comum, mas também colocou à prova a forma de fazer politica, e mostrou o empenho de muitos autarcas e a solidariedade das populações e instituições da Ação Social.

Com a pandemia temos uma lição a tirar que nos deve deixar preocupados, no que diz respeito ao nosso regime democrático, pois surge num momento de crise das Democracias Europeias,

com o ressurgimento dos extremismos em Portugal conjugado com a crise dos partidos fundadores do regime democrático.

O surgimento dos populismos só é novidade do ponto de vista formal, pois eles sempre estiveram presentes. Não se organizavam enquanto movimento formal porque tinham vergonha de sair da toca, onde estiveram nos últimos anos bem acondicionados.

Os populismos e os extremismos, não têm um programa politico com soluções para os problemas da nossa comunidade. Não propõem nenhuma reforma que confronte os grandes problemas de Portugal; tornar o país mais rico e repartir melhor a riqueza.

Os populismos apenas se interessam por duas coisas; gerar o medo e apontar culpados.

Minhas senhoras e meus senhores,

É tempo de os Partidos se abrirem à sociedade, procurando trazer os sérios e os melhores para que a Democracia seja mais atrativa para todos e em especial para os jovens.

A grande virtude da Democracia e da Liberdade, é a de permitir a convivência entre todos os credos políticos, incluindo os populistas e os extremistas.

Comemorar Abril, é também ~~como~~ o que se tem feito nos últimos tempos em V: N: de Gaia.

As políticas têm sido direcionadas para as pessoas, mais concretamente ao Apoio Social, à Educação e à Saúde, com o combate exemplar à Pandemia.

Nestas áreas releva-se o apoio ás IPSS- o Gaia + inclusiva—o apoio ao arrendamento—descontos sociais na fatura da água –Gaia protege + -- o cartão jovem Municipal – o apoio à Academia Sénior.

O Gaia aprende + -- o Gaia aprende mais (I) – refeições escolares – manuais escolares – transporte escolar – viagens dos finalistas – cartão municipal do Professor – não esquecendo o apoio à deficiência. e as obras neste escafe onde nos encontramos.

O apoio à reabilitação do Hospital Gaia Espinho – pagamento das vacinas não incluídas no SNS.—Programa Gaia cuidador—cartão municipal da Grávida e do bébé, e a gestão dos Centros de Saúde, agora transferidos para o Munícipio.

Não podemos dar como adquirido Abril, pois corremos o risco de nos esquecermos e as conquistas esfumarem-se.

Continuo a acreditar que a revolução dos Cravos, foi feita para todos nós termos uma vida diferente, uma sociedade mais justa e solidária. Onde a Justiça seja igual para todos. Que a educação se faça no respeito pelos valores de cada um. Que sejamos mais justos na distribuição da riqueza. Que todos possam viver com o mínimo de dfignidade.

Por isso, a liberdade e a democracia, são obras que nunca estão acabadas, pelo que devemos continuar a reforçar e a aprofundar o regime democrático e a torná-lo mais vivo, exigente,

moderno e participado, tomando medidas que contribuam para dignificar o trabalho e valorizar o mérito a quem o merece.

Se isto acontecer o 25 de Abril estará a cumprir-se, mas, é também um dever de cada um sonhar como o poeta ANTÓNIO GEDEÃO;

que o sonho comanda a vida, e, sempre que um homem sonha

Eles não sabem, nem sonham, que o Mundo pula e avança, como bola colorida entre as mãos duma criança.

CONTINUEMOS ATENTOS E A SONHAR

VIVA GULPILHARES E VALADARES

VIVA VILA NOVA DE GAIA

VIVA PORTUGAL

VIVA O 25 DE ABRIL